

JOANA D'ARC FRANCO PEIXOTO MARINHO

**PERSONAGENS,
MEMÓRIA
E ESPAÇO**

Trabalho de Conclusão de Curso
Escola de Belas Artes da UFMG
Habilitação: Pintura
Orientadora: Christiana Quady.

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2018

AGRADECIMENTOS

Quero sinceramente agradecer:

À minha orientadora, Christiana Quady, pelo seu carinho e auxílio. Agradeço o suporte dado para a realização deste trabalho e a confiança em meus projetos ao longo de toda a minha caminhada.

À professora Liliza, que, em vários momentos desse percurso, me encorajou com as suas doces palavras.

Aos meus familiares, que torceram por mim. Agradeço o apoio do Carlinhos e dos meus filhos: Reinaldo e Laureana, que, mesmo de longe, deram-me uma contribuição muito importante; Camila, com sua sabedoria; Thiago e Suelen, por sempre disponibilizarem seu tempo e dedicação, com muito carinho.

E, em especial, agradeço ao meu pai, pois pude senti-lo comigo durante toda essa caminhada.

“Seu caminho, cada um o terá que descobrir por si. Descobrirá, caminhando. Contudo, jamais seu caminho será aleatório. Cada um parte de dados reais; apenas, o caminho há de lhe ensinar como os poderá colocar e com eles irá lidar. Caminhando, saberá. Andando, o indivíduo configura o seu caminho. Criar formas, dentro de si e em redor de si. E assim como na arte, o artista se procura nas formas das imagens criadas, cada indivíduo se procura nas formas do seu fazer, nas formas do seu viver chegará a seu destino. Encontrando, saberá o que buscou”.

Faiga Ostrower, 1996.

RESUMO

Ao longo dos projetos, tinha como objetivo imprimir, em minhas pinturas, a nostalgia da memória marcada pelos personagens e sobre os quartos (espaços), além de mostrar como tudo é transitório e que o tempo ou a falta dele nos leva, sem percebermos, de forma tal que fica apenas uma vaga lembrança do que vivemos, por causa da correria do dia a dia. Até mesmo os acontecimentos mais importantes são traídos pela nossa memória e terminam no esquecimento, sem nos darmos conta. Assim, os trabalhos de repetição aqui trazidos nos levam a exercitar as lembranças de pessoas e momentos importantes que algum dia vivi, e lembrarmos que, a qualquer hora, podemos nos deparar com uma caixa de retratos antigos no fundo de uma gaveta ou esquecidos no cantinho de uma estante e perceber o quanto tudo é efêmero, rápido e o que realmente importa é o dia de hoje.

Palavras-chaves: pintura, transitoriedade, personagens, percurso.

SUMÁRIO

1 - APRENDENDO A VOAR E POUSAR	6
2 - ENTRE TINTAS E SONHOS	7
3 - MEMÓRIAS DO ACASO	9
4 - BEBENDO EM FONTES PRECIOSAS: NASCE O PROJETO 1	11
5 - QUARTOS (ESPAÇOS): PROJETO 2	19
6 - CONCLUSÃO (OU PAUSA PARA OUTRO VOO?).....	25
7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

1 - APRENDENDO A VOAR E POUSAR

Desde que comecei o curso de Artes Visuais em 2014, na Escola de Belas Artes da UFMG, senti que nascia, naquele momento, uma outra pessoa e que havia encontrado o meu lugar, que há muito procurava. Não foi fácil chegar até aqui. Muitas vezes, senti-me como uma ave, alçando vários voos, mas cujas grandes asas não eram o bastante para que eles não fracassassem. Tive que ser forte para não desistir, pois precisava ensinar três filhotes a voarem sozinhos para eu alçar o meu próprio voo. Enfim, depois de vários recomeços, pousei aqui.

Começava, então, uma grande caminhada, que me levou para o mundo das tintas e dos conhecimentos sobre as artes, encantando-me em cada disciplina com novas informações. Nesse percurso de quatro anos, cursei várias matérias e conheci artistas que fomentaram em muito os meus projetos, enriquecendo meus conhecimentos e minha maneira de pintar. Passei a visitar exposições e a lançar um novo olhar para as pinturas. A partir do que ouvia a respeito sobre as mesmas e sobre as pesquisas no campo, começavam a fazer parte do meu dia a dia. As visitas à biblioteca tornaram-se uma constante para mim.

Cursei as disciplinas obrigatórias, sem medir esforços, e, ao longo da graduação, também várias optativas, as quais me abriram um leque de possibilidades que me ofereceram muitos elementos para que eu escolhesse a minha habilitação. Forma, Cor e Composição, Cerâmica, Artes das Fibras, Gravura, Escultura em Madeira, Artes Gráficas, e várias outras disciplinas. Durante todo tempo, ficava atenta às informações, já que se aproximava o momento de fazer a minha escolha.

A disciplina Pintura A, em especial, ministrada pela profa. Janaina, ajudou-me a reforçar o caminho que gostaria de trilhar, na medida em que aprendia técnicas de pintura: encáustica fria e quente, têmpera ovo e vinílica, tinta acrílica e tinta a óleo. Encantava-me cada vez mais e aguçava-se o meu interesse para conhecer outras formas de pinturas e suportes. Assim, eu continuava as experimentações, também em outras disciplinas, para que estivesse certa ao escolher a minha habilitação. Outra disciplina que teve

grande influência em minha escolha foi “Forma e Composição”, ministrada pela profa. Maria do Céu. Realizar exercícios com imagens de figuras de revistas e jornais, fazendo colagens, me possibilitava a trabalhar de maneira a obter mais harmonia em uma composição, tudo isso me levava a entender a dinâmica de uma composição e esse aprendizado ia para as telas.

Assim, depois de viver essas experiências, não tive dúvidas da minha escolha: havia me apaixonado, definitivamente, pelo mundo das tintas.



Figura 1 - Sem título - colagem e tinta s/papel – 42 x 29,7cm - 2014



Figura 2 - Sem título - colagem e tinta s/papel – 42 x 29,7cm - 2014

2 - ENTRE TINTAS E SONHOS

Feita a escolha da habilitação em pintura, era hora de pensar nos projetos e estava motivada para começar. As ideias multiplicavam-se e a ansiedade de começar era grande!

Iniciei minhas pinturas. Pintava abstrato e silhuetas, eram pinturas gestuais e fazê-las em suportes grandes, mostrava o meu contentamento de estar começando na pintura. Fazia telas, enormes (100x80cm). Fazia silhuetas, abstratos com técnicas diferentes, tinta acrílica, tinta vinílica e outras. Com o tempo, fui mudando as imagens e as palhetas de cores, procurando meu

amadurecimento nas pinturas. Senti necessidade de buscar um projeto que conseguisse imprimir minhas emoções e inquietações.



Fig.3 – Montanhas - óleo s/ tela - 100 X 80cm - 2015



Fig.4 - Sol nascente dos dias de hoje - óleo s/ tela - 100 X 80cm - 2015



***Fig.5 - Vida bamba - óleo s/ tela –
100 X 80cm - 2016***



***Fig.6 - Sem título - óleo s/ tela
100 X 80cm - 2016***

3 - MEMÓRIAS DO ACASO

As pesquisas de referências, cada vez mais, faziam parte do meu cotidiano na pintura. A partir do momento em que comecei na pintura, constatee a necessidade de desenvolver um projeto mais conforme a todo conhecimento que eu havia adquirido. Embora ainda não tivesse um trabalho no qual sentisse a força especial que procurava, as pinturas que havia feito me dariam um norte nas questões de técnicas que havia experimentado.

Em 2016, voltando para casa depois de um dia de aula na disciplina Pintura Projeto e após uma longa conversa sobre os projetos, comecei a pensar em uma pintura mais forte, que mostrasse o que realmente eu queria fazer para colocar minha ideia como pintora. Havia chegado o momento de pensar em um projeto para apresentação do TCC.

As ideias povoavam minha cabeça, pareciam pássaros voando em torno de mim. Eu estava um pouco confusa, pois havia feito muitas pinturas de motivos e técnicas diversas. Pensava: “E agora? O que vou fazer?”.

O caminho para casa parecia mais longo que nos outros dias, eu queria chegar logo para pensar melhor em tudo que havia sido falado sobre os projetos.

Chegando em casa, fui direto para o meu ateliê, onde sempre busco refúgio para pensar e criar. Como de costume, antes de começar a pintar, vou à minha estante, pego um livro de pintura e fico folheando por algum tempo. Tiro a poeira dos livros e os organizo. Esse dia não foi diferente. Penso que já se tornou um ritual, para que inicie alguma criação.

Era um final de tarde. Peguei um cafezinho e um livro para rever. Entretida com as pinturas que observava e com a cabeça cheia de perguntas, distraí-me e, com as duas mãos ocupadas, encostei-me em uma caixa que estava na estante. A caixa caiu no chão e se abriu. Para minha surpresa, nela havia retratos antigos de amigos e familiares que há muito tempo não via. Intrigada com o conteúdo da caixa, deixei as coisas que estavam em minhas mãos em cima da mesa e fui ver do que se tratava naqueles retratos. Abaixei-me para pegá-los. Comecei a vê-los um por um, e ali fiquei por horas a fio, sentada no chão, sem perceber que o tempo havia passado. De repente, olhei para a janela: estava escurecendo e eu nem notei que olhava os retratos com pouca claridade.

Já era noite, as luzes dos postes estavam acesas. Eu estava pensativa, recolhi todos os retratos e os coloquei de volta na caixa. Alguns pareciam desbotados pelo tempo. Senti um aperto no coração e uma enorme nostalgia tomou conta de mim. A saudade daqueles que um dia haviam feito parte de minha vida, hoje encontravam-se naquela caixa. Pessoas tão importantes e alguns não estavam mais entre nós. O tempo, ou a falta dele, apaga nossas memórias, mesmo que sejam lembranças tão importantes. Veio-me a sensação da transitoriedade de tudo.

4 - BEBENDO EM FONTES PRECIOSAS: NASCE O PROJETO 1

No dia seguinte, chegando ao ateliê da Escola de Belas Artes, ainda não tinha me dado conta de que naquela caixa de retratos que havia caído por acaso em meu ateliê, estava adormecido o meu projeto. Ainda não tinha percebido que já estava caminhando para um projeto que me daria um imenso prazer em fazê-lo: pintaria minhas lembranças.

Passado algum tempo, senti que me afluía uma nova criação, mas que ainda estava tudo muito confuso em minha cabeça para acontecer. Sempre visitava a marcenaria da UFMG, na maioria das vezes para buscar alguns recortes de madeira para alguma disciplina. Nesse dia, como de costume, resolvi buscar novidades na marcenaria, um suporte que trouxesse uma ideia nova para mim. Penso que cada suporte traz consigo uma pintura diferente e, assim, buscando uma inspiração para uma nova criação, encontrei em um dos caixotes de descarte, retalhos de MDF que me chamaram a atenção pelas suas dimensões. Achei o suporte interessante e, como nada é por acaso, peguei os mesmos, na esperança de que, dali pudesse surgir o meu projeto.

Mesmo diante desse material, ainda não havia me dado conta do que iria fazer. Mas aquele momento era a hora de pensar só em um material, que fosse diferente de tudo que eu já havia experimentado. Eram madeiras de 10x10cm que cabiam em minhas mãos. Sentia que aqueles suportes eram diferentes de tudo em que eu havia pintado. Estava em minhas mãos o novo projeto, e eu ainda não havia percebido.

Pus-me a caminho do ateliê instigada com aqueles retalhos de madeira. Sentia o coração abafado de tanta ansiedade. Não percebia como minhas mãos apertavam firmes aqueles recortes, que chegaram a ficar marcadas. E que já lhes dava o nome de suportes, e começava ali uma intenção de criação que passava por mim despercebida.

Ao chegar ao ateliê, comecei a organizar minha mesa de trabalho e coloquei sobre ela todo o material que havia encontrado. Os formatos dos recortes citados eram muito instigantes. Comecei a observá-los atentamente. Foi quando reparei que me lembravam retratos e, imediatamente, como num

estalo, lembrei-me daquela caixa de fotografias que, por acaso, havia encontrado no meu ateliê. Eu estava de frente para um novo projeto: aquela caixa de retratos que guardava minhas memórias seria mais um delicioso desafio!

Provocada pela nova experiência, comecei a preparação das telinhas. Tudo era novo para mim. Nunca havia pintado retratos, nem feito trabalhos tão pequenos, mas, estava entusiasmada com esse novo desafio. No princípio, minhas mãos tremiam. Acostumada a pinceis grandes, iria precisar de um controle diferente a partir desse momento, usando pinceis mais finos e delicados. Cobri a madeira de MDF com tecido de americano cru, usando cola branca, e, em seguida, passei tinta vinílica branca sobre a tela, preparada com um pouco de cola branca. Tive de controlar minha ansiedade para aguardar o tempo de secagem. Assim que percebi que já podia começar a trabalhar nas telinhas, não tive dúvidas e parti para essa nova experiência.



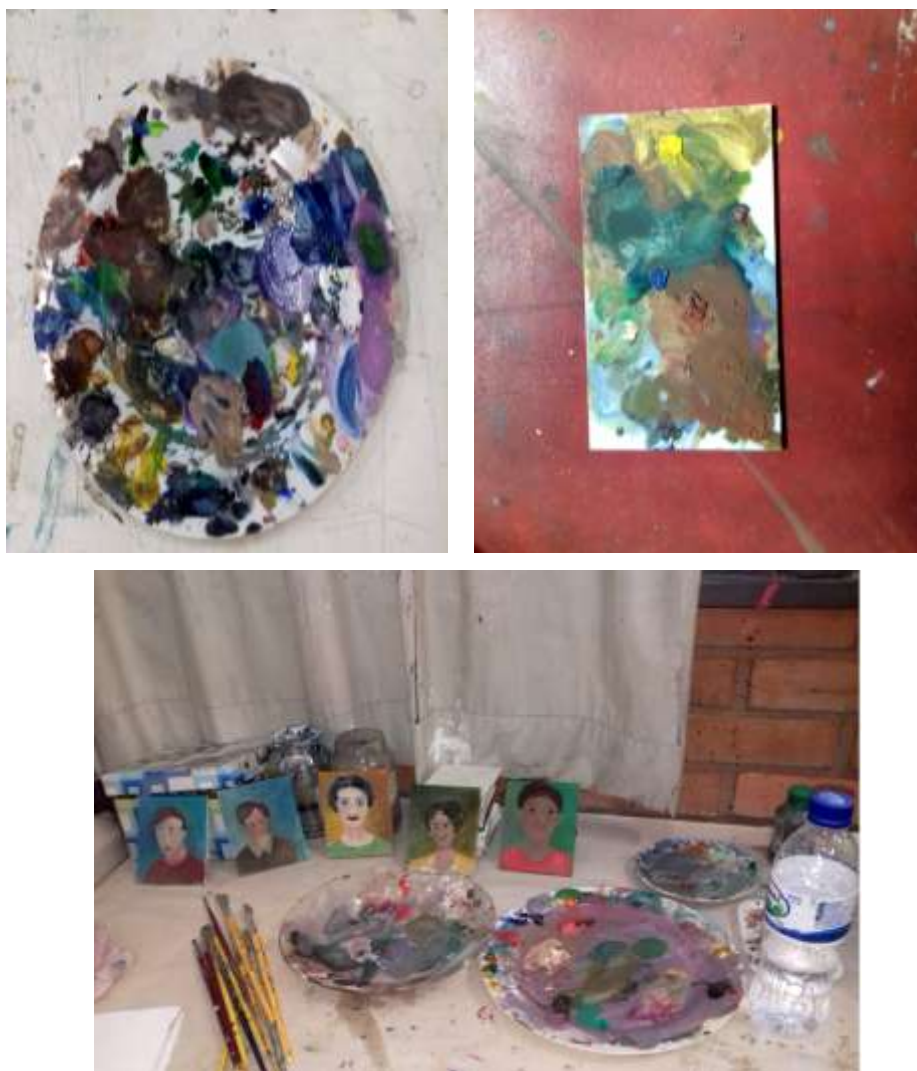


Fig.7-11 – Processo de criação das telinhas

Pintei quatro telinhas. Ao terminar, senti que havia descoberto o que eu gostaria de fazer. Aquelas telas pequenas entre minhas mãos davam-me um imenso prazer em pintá-las – e isso me passava uma intimidade com os personagens nelas presentes –, eu começava a sentir segurança em fazê-las.

Daí em diante, tornou-se, para mim, um trabalho desafiante e prazeroso e, quanto mais telinhas eu fazia, mais tinha a sensação de que a próxima poderia ficar melhor. Por suas dimensões serem pequenas, ficava com elas muito próximas, quase no meu peito: sentia muita emoção e intimidade com cada “carinha” (rosto) que fazia. Aqueles retratos que me inspiraram tanto, agora estavam tomando vida em minhas mãos, assim como as memórias daquelas pessoas e dos dias vividos voltavam lentamente em minhas pinturas.

Alguns daqueles personagens, agora, não eram só dos retratos que havia encontrado. Comecei também, a fazer personagens imaginários (eram pessoas que se criavam a partir de um olhar que me chamava a atenção). Era impressionante como eu vivia esse projeto o tempo todo. Dentro do ônibus, na volta para casa, ficava atentamente, olhando para as pessoas que ali estavam e dali surgia um novo personagem.

Por estarem guardados há muito tempo na caixa, alguns retratos originais já não estavam tão nítidos e eu sentia que isso reforçava a minha intenção de falar sobre as memórias que eles mostravam para mim com seu apagamento. Muitas coisas haviam se perdido pelo tempo, e isso era mais um motivo para pintá-las. Elas me ajudariam a reforçar a intenção do meu projeto. Eu as pintava assim mesmo. Às vezes, eu manchava olhos ou bocas, como se não me lembrasse daqueles traços tão importantes para mim, e assim tentava demonstrar que haviam sido perdidos pelo tempo e que suas feições já não eram mais tão nítidas ou, até mesmo, que eu mesma não conseguia me lembrar de seus traços. Mesmo assim queria pintar as fotografias e mostrar a efemeridade, o passar do tempo tão rápido. De uma maneira ou de outra, aquelas pinturas resgatavam um pouco das memórias perdidas pelo tempo.

Hoje, observo que há diferentes modos nas pinturas dos personagens. Em algumas, faço todo o retrato; em outras, deixo no desenho (traços a lápis) e pinto apenas o fundo da tela; também realço os olhos de alguns personagens. Podem-se ver algumas pinturas feitas rapidamente, sem me importar muito com os detalhes, e assim continua se dando a repetição em meu trabalho: sem muita preocupação com a perfeição, com ser realista. Penso apenas em transmitir o conceito, a ideia que realmente querem falar os personagens (retratos), ou seja, a memória do tempo passado.

Não se trata de uma pintura *naïf* ou primitiva, apesar de admirar profundamente trabalhos desse tipo, como os de Lorenzato, mas, insisto em dizer que é um trabalho de repetição. Com minha maneira entusiasmada do fazer, sem medir esforços, com dores físicas e mentais, sem descansar, até a exaustão.

Durante toda a caminhada, precisei defender meus trabalhos por causa das críticas sofridas. Foi em busca de uma nova pesquisa que encontrei duas referências que me motivaram ainda mais. Observando as pinturas de Volpi, percebi como trabalhava a questão da repetição, suas famosas bandeirinhas me mostravam que havia encontrado meu parente na arte e observando outros artistas que também trabalhavam com a repetição, encontrei as igrejinhas brancas de Guignard, as quais reforçaram meus conceitos. O encontro com esses artistas me deu mais ânimo para prosseguir e continuar a pintar meus personagens, certa da força que tinha esse projeto. Não seria um trabalho pequeno, e eu precisaria chegar à exaustão para fazê-lo como queria.



*Fig.12 - Alberto Volpi
Grande fachada festiva
Têmpera s/ tela
1950*



*Fig.13 - Alberto Volpi
Bandeirinhas
Têmpera s/ tela
s.d.*

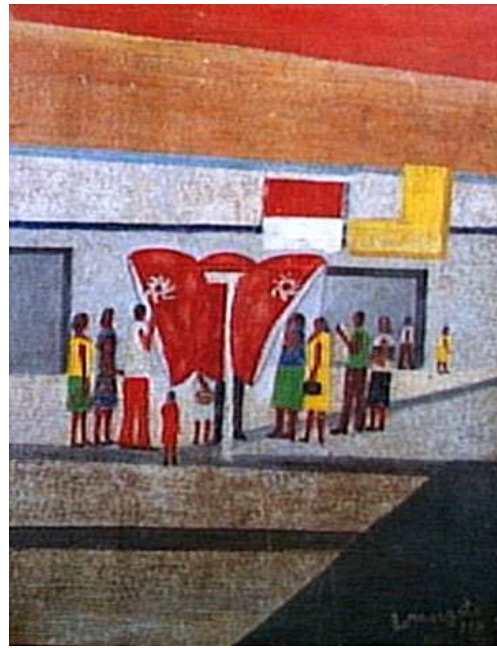


Fig.14-15 – Amadeo Luciano Lorenzato – óleo s/tela – s.d.



Fig.16 - Alberto da Veiga Guignard - Festa de São João - s.d.

Essa forma de trabalhar com a repetição, me levou a fazer 300 pinturinhas. Cada uma delas foi pensada de maneira singular, mas, colocadas uma ao lado da outra, elas se apoiam e conversam entre si, seja em grupos, seja todas reunidas. Não tenho a pretensão de fazer uma obra figurativa. É um trabalho em que imprimo minha emoção, com uma carga semântica que me

permite enfatizar a intenção de meu projeto em minhas pinturas e passar a minha inquietação sobre questões como, a memória e a efemeridade.

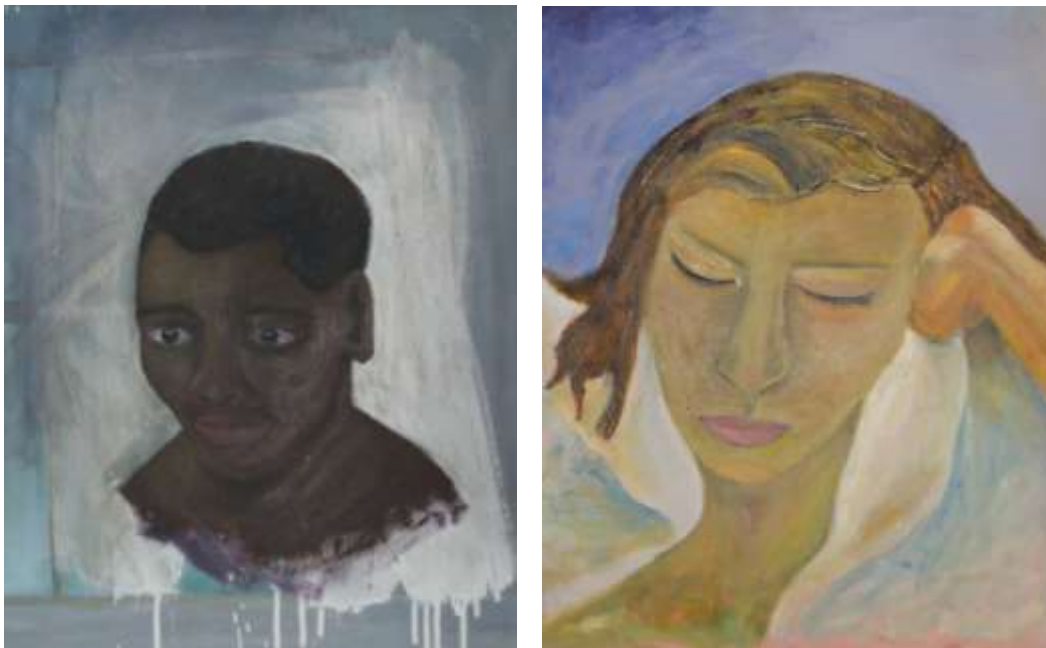


Fig.17-25
Série Personagens
óleo s/ tela
10 X 10cm
2016

Paralelamente a esses personagens, pintei retratos (personagens) de tamanho maior (50X40cm), eram também pessoas imaginárias e artistas conhecidos. Cheguei a fazer 20 deles, foi uma ótima experiência, mas havia me apaixonado pelas pinturinhas dos personagens e, então, prossegui fazendo. Penso que este projeto é daqueles que não têm um número definido de personagens para a conclusão da série, sinto que seguirei a pintá-los.



Série Personagens
óleo s/ tela
30 X 40cm
2017



*Fig.26-31 - Série Personagens - óleo s/ tela -
50 X 40cm - 2016*

5 - QUARTOS (ESPAÇOS): PROJETO 2

No outro semestre (2017/1), quando fui para o ateliê de pintura com a presença da Profa. Christiana Quady, ainda dava continuidade ao outro projeto de personagens. Em uma das conversas que tivemos em aula, foi de grande importância, para a criação do Projeto 2. Com suas perguntas instigantes, a professora quis saber se eu já havia pensado sobre como eu achava que aqueles personagens viviam. No momento, não me veio nada para responder. Então, chegando em casa, fui para o meu ateliê pensar sobre o que havíamos conversado. Resolvi pegar umas telinhas pequenas de 30x30cm para fazer uma experimentação, sem saber o que iria pintar. Comecei pelo fundo da tela, parecia que os pinceis comandavam o que queriam fazer. Então, em uma dessas tentativas, fiz uma pintura que lembrava uma caixa, um cubo, um espaço. Em outra tela, já pensando em uma determinada paleta de cores, alguma coisa havia acontecido ali. Fiz com uma cor quente, vermelha, bem forte. Uma pintura que, ao terminar, pude perceber que havia pintado um quarto, um espaço vazio, mas, ao mesmo tempo, de grande força.



Fig.32-33 – sem título - óleo s/tela - 30 X 30cm - 2017

Achei interessante o que havia surgido naquela tela e senti que havia sido comandada pelos próprios pinceis. Depois disso, resolvi pintar uma tela maior, suas dimensões e seu formato já remetiam ao que eu queria passar para a tela. Lembrava uma caixa, um quarto que cada vez mais, reforçava minha ideia. Uma tela de 100x110cm, bem maior que a experimentação que havia feito anteriormente. E, assim, trabalhei arduamente nessa tela e produzi um grande quarto vermelho vazio – ou pensava que o havia feito assim –, mas,

para minha surpresa, entendi que não se tratava de um quarto vazio. Ali parecia ter marcas, histórias vividas, quem sabe, por aqueles personagens que eu havia pintado e me lembrei daquela conversa que havia tido com a profa. Chris. Fiquei surpresa ao ver que um suporte maior havia oferecido um melhor resultado. A ideia de um espaço vazio havia me mostrado que, apesar de não ter mobílias, havia alguma coisa que mostrava que não estava vazio. Havia muitos sentimentos, solidão, marcas deixadas de algum tempo e por alguém que havia passado por lá. Pintei outros quartos vazios, de palhetas de cores diferentes.

Continuei a fazê-los incessantemente. Debrucei-me em pesquisas para que esse projeto que começava a caminhar pudesse ganhar mais vida. Aqueles quartos (espaços) haviam me despertado um novo interesse que me incomodava e exigia de mim, mais e mais. Os meus sentimentos brotavam a cada dia sobre esses espaços, com vários significados para cada um em particular (eles agora pareciam ter uma história para contar). As ideias começaram a surgir de diversas maneiras, mas sem me preocupar que conversassem entre si. Porém, ao colocá-los um ao lado do outro, senti a cumplicidade entre eles e vi que contavam uma história e, mesmo que separados, eles tinham sua força.

Em minhas pesquisas, encontrei várias possibilidades para abordar o assunto. Ouvi muitos relatos de pessoas que me disseram a importância e quais os significados dos quartos para elas. Algumas me disseram que os quartos eram como refúgios e muitas o utilizavam para pensar; para outras, eram apenas um lugar de descanso; e havia quem dizia também que era um lugar, o começo e o fim da vida, uma vez que muitos o traziam na memória como um leito de morte, lembrando-me dos quartos que Edvard Munch tão bem representou em suas pinturas.

Depois de todos esses relatos, voltei a pintá-los, mas não mais vazios, agora tinham informações que me levavam para um mundo ainda mais carregado de emoção e de memórias. Aliada a todas essas informações, pintei quartos com mobiliários, quartos com retratos (na parede e no chão), quartos desarrumados (habitados), todos utilizando a mesma técnica, a óleo. Dessa maneira, o projeto foi caminhando, e fui sempre explorando o tema com

suportes de vários tamanhos, alterando apenas as palhetas de cores, ora mais quentes, ora cores frias, de acordo com o que as imagens pediam. Para mim, essas pinturas colocadas uma ao lado da outra transmitem um sentimento de melancolia, evocada pelo vazio dos quartos e pelos retratos nas paredes ou no chão. Remetem a um sentimento de nostalgia, de memórias de tempos vividos. Nas paredes foram deixadas marcas de um tempo que não volta mais.







Fig.34-39 - Série Os Quartos (espaços) - óleo s/ tela - 110 X 100cm

Estava completamente envolvida em pintar esses quartos (espaços). O cheiro da tinta parecia ter grudado em minha pele, pois já estava pintando sem perceber a hora de parar. Eram as dores físicas que me lembravam de parar. Refletindo o que seria este espaço para mim, descobri que era um refúgio para o meu descanso e pensamentos. Meu quarto, em tons brancos e verde bem pálido, seria onde renovo minhas forças e, depois de uma boa noite de sono, sinto-me revigorada para enfrentar mais um dia de desafios. Também tenho o sentimento de estar guardada em uma imensa caixa, longe de todos os problemas, e nada lá fora me importa, os ruídos, os sons da rua. O barulho da chuva é como um alento para meu sono.

Essas pinturas dos quartos mostram o silêncio, a nostalgia, as memórias deixadas nas paredes desses cômodos, marcas de um tempo vivido, mas mostram, também, o acontecimento que antecede essas marcas, expondo nas pinturas elementos marcantes de discussões e intimidações, como uma narrativa. Como se eles contassem uma história.

Nos quartos em que se podem ver retratos presentes nas paredes ou no chão, nota-se que ali um dia foi habitado, lembrando como na vida tudo é transitório. Remetem também que guardamos em nossa memória tempos vividos, esquecendo-nos de muitos detalhes, como aquela caixa de retratos que encontrei por acaso em meu ateliê e que, apesar de conter lembranças tão importantes, estava esquecida entre os livros da minha estante, como se estivessem guardadas no cantinho de minha memória.

6 - CONCLUSÃO (OU PAUSA PARA OUTRO VOO?)

Pintei as telinhas dos personagens (retratos) de uma maneira que pudesse imprimir as sensações que sentia ao fazê-las, sensações essas que vinham em minha memória como *flashes*, emoções das lembranças vividas, não só pelos retratos, mas também por conseguir levá-los para as telas. Essa forma peculiar – e compulsiva – de meu trabalho, assim como a quantidade das repetições feitas ao longo do Projeto 1 (os personagens), fazem-me sentir que consegui passar tudo isso para minhas pinturas; minha força de trabalho, meu entusiasmo e poderia até mesmo dizer, um traço forte de minha

personalidade. Com o Projeto 2 (os quartos), confirmo esses traços de força, dedicação e empenho, que procurei conservar em toda minha graduação.

Recordando todo o meu percurso, vejo como foi importante me empenhar e acreditar nesses projetos, e com muitas alegrias os trouxe até aqui. Acreditando nisso, vejo uma gama de possibilidades para uma exposição desses trabalhos e na possibilidade de apresentá-los da seguinte maneira; os personagens (retratos) poderiam vir em grupos, por cores de suas palhetas, ou em grupos que conversem entre si. Também vejo as telas dos quartos nas paredes e os personagens (retratos) no chão, criando um caminho, como se fosse o meu próprio caminho percorrido até aqui.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANTON, Katia. *Tempo e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CÍRCULO DO LIVRO. A. Volpi. Coleção grandes artistas brasileiros. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].

DIÁRIO DA REGIÃO. Exposição de Leda Braga reflete sobre força do tempo.

Disponível em:

<<http://www2.diariodaregiao.com.br//cultura/exposi%a7%a3o-de-leda-braga-reflete-sobre-for%a7a-do-tempo-1.368226>>. Acesso em: nov. 2018.

DUMAS, Marlene. [Instalação]. Disponível em: <<http://www.marlenedumas.nl>>.

Acesso em: nov. 2018.

FERREIRA, Gloria (Org.). *Escritos de artistas*. São Paulo: Zahar Antigo, 2006.

FREUD, Lucian. Lucian Freud in Vienna. Disponível em:

<<http://www.galleryintell.com/lucian-freud-portraits-kunsthistorisches-museum/>>. Acesso em: nov. 2018.

GAZETA DE BARÃO. Espaço Galeria do Sesi Campinas-Amoreiras recebe a exposição Registro Geral, de Leda Braga. 6. jun. 2015. Disponível em:

<<http://gazetadebarao.com.br/2015/06/06/espaco-galeria-do-sesi-campinas-amoreiras-recebe-a-exposicao-registro-geral-de-leda-braga/>>. Acesso em: nov. 2018.

INSTITUTO FAYGA OSTROWER. Fayga Ostrower – uma pequena biografia.

Disponível em: <<http://faygaostrower.org.br/a-artista/biografia-resumida>>.

Acesso em: nov. 2018.

IZQUIERDO, I. The organization of memories into “files”. In: DELACOUR, J.;

LEVY, J. C. *Systems with learning and memory abilities*. Amsterdam: North Holland, 1988. p. 105-126.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JUNGLE, Tadeu. [Biografia]. Disponível em:

<http://www.tadeujungle.com.br/tadeu_pt.html>. Acesso em: nov. 2018.

LORENZATO. Simples singular. [Exposição]. Galeria de Arte do Centro Cultural Minas Tênis Clube. Belo Horizonte, data.

MONTEIRO SOARES EDITORES E LIVREIROS. *Alberto da Veiga Guignard*. Rio de Janeiro: Borrelli, 1979.

PENA, Fátima. Disponível em: <<http://www.fatimapena.com.br/sobre.html>>. Acesso em: nov. 2018.

PENA, Fátima. *Primeira pessoa*. Belo Horizonte: Cas'a'screver, 2015.

TOULOUSE-LAUTREC, Henri. *Mestres da Pintura*. São Paulo, Brasil: Abril S.A Cultura e Industrial; Roma, Itália: Casa Editrice Sadea, 1977.

UOL. A arte de Lucian Freud. Disponível em:

<http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/a_arte_cruda_de_lucian_freud.html>. Acesso em: nov. 2018.

WEISSMANN, Leonora. Biografia. Disponível em:

<<http://amgaleria.com.br/artists/leonora-weissmann/>>. Acesso em: nov. 2018.

KLINTOWITZ, Jacob Chanina/Jacob Klintowitz - Belo Horizonte - Klintowitz editora, 2013.

Kuitca, Gullhermo: The Sweet Sea, La consagracoín de la Primavera, Trauerspiel.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uUPrSp2tzlA>> Acesso em: Nov. 2018.

BISCHOFF, Ulrich. Munch. Ed. Taschen do Brasil, 2007.

SOARES, Robson (coord.) Projeto [Vallourec], Project management. Exposição Pintura Mineira, Belo Horizonte, 2018.